

Trimestre	2\$000
Semestre	4\$000
Anno	8\$000

O PENSADOR.

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

Usa pro non sicut parvelli fluctantibus, et circumferantur omni ventiditibus.
In sequitiam hominum, in actibus ad circumventionem veritatis.
(S. Paulo, ad Galatas Cap. V. v. 14. Ephesus.)

Propriedade de uma associação.

Maranhão, 20 de Junho de 1881

A VISO.

Pedimos de novo aos pontos assignantes, que estão atrasados, o obsequio de pagarem, para não sermos obrigados a suspender-lhes a entrega do jornal. E sendo as assignaturas pagas adiantadas não vamos agora, por causa de meia duzia, crear escripturação especial para fiados.

O PENSADOR.

MARANHÃO, 20 DE JUNHO DE 1881.

O Egregio Tribunal da Relação.

Em um artigo, com a epigraph *A magistratura*, faz a gazeta clerical covardes insinuações aos nobilissimos caracteres dos venerandos juizes que compõem o Superior Tribunal da Relação. Repeto as perlas asseverações avancadas em um boletim, distribuido em 3 do corrente, com a data de 3 de maio proximo lido.

Todas as atrevisas do órgão catholico já foram com vantagem destruidas. Em boletim, que no dia seguinte distribuímos, pulverisamos as accusações desdentamente feitas aos illustres desembargadores. Comosco, o publico illustrado tem no devido conceito os venerandos sacerdotes da justiça.

O dr. Agostino Pereira da Silva, advogado do padre Francisco José Baptista, na mesma causa, fez uma declaração que nada deixa a desejar, com relação aos illustres magistrados.

Nada mais temos, portanto, a acrescentar. O publico sabe apreciar a distincção com que os desembargadores, que compõem a Relação de S. Luiz, honram as togas que envergam.

O luminoso accordo e as juridicas considerações do Exm. Dez.^o Antonio Augusto da Silva são provas cabaes da justiça da decisão tomada. Julgamos cumprir um dever, entregando a publicidade essas importantes pegas juridicas. Abaixo, pois, as transcrevemos, conforme as notas que podemos tomar.

Leia-as o publico; e aprecie da justiça do recurso interposto pelo nosso illustrado advogado Dr. Antonio Martiniano Lapenberg.

E este o accordam:—

Accordam em Relação. Que vista o relatada a materia destes autos de carta testemunhavel, entre partes—receberem Antonio Joaquim de Barros Lima e recorrido o padre Francisco José Baptista—e venida a preliminar proposta, no sentido de ser admissivel a mesma carta testemunhavel, por quanto, ainda que na nossa moderna legislação criminal, se não faça d'ella clara e expressa menção, nenhuma razão ha para julgá-la prohibida, não só porque a consignava a antiga legislação criminal (ord. liv. 3^o tit. 124 § 27 e liv. 1^o tit. 5 § 6) e a autocrisa a civil, que, dada a omissão, é subsidiaria d'aquella, como por-

que não sendo esse instrumento um verdadeiro recurso por si mesmo (Paula Baptista, Pratica do Proc. 2.^o edic. § 218, Av. n. 215 do 1.^o de setembro de 1849), e, todavia, esse o unico meio de devolver o conhecimento da negreção ao superior legitimo, e de tornar effectivos os recursos nos casos crimes, muito mais importantes do que nos civis, porque entendem com a honra, a vida e a liberdade do cidadão, contra a vontade injusta e muitas vezes prepotente do juiz que os denega:

Mandam, provendo a citada carta, que o escriptivo lomo por termo e faça subir a interpeção interposta pelo rec., da sentença que o condemnára, por crime de injurias impressas, e que lhe foi denegada pelo juiz, a quo, pelo facto de considerá-la sem razão de ser, attenda a desistencia do queixoso.

Esta desistencia, porem, no caso dado, em que já se acia o processo com sentença condemnatoria, importa uma perdão, que, por extemporaneo, não pode ter lugar, antes de confirmada a mesma sentença pelo Tribunal Superior, porque, pendendo ella ainda de um recurso, não faz direito entre partes, não é cousa julgada; e do recurso tendo usado em tempo o querrellado, não obstante aquella desistencia, e sendo este um direito sem, facultado pela lei, a que se não pode obstar, nem com justiça denegar, não devia o juiz a quo deixar de lhe mandar escrever a sua applicação, pois, como já se disse, não lavendo o despacho em sentença, que o condemnára, passado em julgado, bem pôde acontecer, si for provada a injusticia da sentença, que venha ella a ser reformada pelo Tribunal Superior, não podendo, conseguintemente, independente do consentimento do appellante, produzir effecto a mencionada desistencia, que só tem por objecto, em tal caso, impedir o direito que tem o réo de recorrer, dando o Autor, a seu arbitrio, por terminada a causa, e fazer com que permaneça o seu contendor *ad perpetuum* sob o effecto moral de uma condemnação, da qual poderá, quica, livrar-se, mediante o recurso que interpozera e lhe concede a lei, além de que, sendo, como é, appellavel a sentença, por ser definitiva, ao Tribunal Superior, e não ao juiz a quo, por excessivo de suas attribuições, cabia, desde que for interposta a appellação, decidir se a desistencia por parte do autor prejudicava, ou não, o direito que tinha o réo de appellar. Assim julgando, condemnou o recorrido nas custas.—Maranhão, 3 de junho de 1881.—*Monteiro d'Andrade*, Presidente.—*Catão*.—*Antonio Augusto da Silva*.—*Lisboa*.

Considerações do Exm. Desembargador Antonio Augusto.

—É admissivel, no crime, carta testemunhavel?

—Admittida ella, tem lugar no caso sujeito, a appellação interposta?

Depois de ter S. Exc. sustentado a 1.^a d'estas questões, com argumentos que não podemos apanhar, foram estas as observações que fizera:

Set que as pessoas capazes de usar dos seus direitos e livre o renunciar os direitos que as leis estabelecem em seu favor.

Esta regra (que cada um pode renunciar ao direito introduzido em seu favor) se deduz de muitas das nossas leis, como da Ord. do Liv. 3 tit. 72 § 4, tit. 86

§ 28. Ord. do liv. 4 tit. 44 § 5, tit. 98 § 2 e outros.

Esta regra, porem, não é absoluta, soffre excepções; a liberdade de renunciar ao seu direito não se estende ao caso em que terceiras pessoas sejam interessadas.

O A. pode desistir da demanda, mas não com prejuizo do R. vgr., se este houver formado reconvenção, ou já tiver dado sua prova como se vê em Silva a Ord. do liv. 3, tit. 20, § 7 u. 7.

Isto, que se dá no civil não pode deixar de applicar-se ao crime, cuja legislação sendo a semelhante respeito omisso, tem aquella como subsidiaria.

Assim, o direito que no crime tem o A. ou queixoso de desistir da acção intentada, encontra limitação no direito que igualmente este tem, pela disposição de uma lei, de recorrer, dentro de determinado prazo, do despacho que o pronuncia em um processo summario, ou de appellar da sentença, que o condemna nos crimes de algada.

Na hypothese de que se trata, o direito que tem o A. ou queixoso de desistir, quando o R. tem ainda a sua disposição um recurso facultado pela lei, e do qual pode prevaler-se, prejudica immanensamente a este, se fuisse exarado sem o seu consentimento.

Si, mediante o recurso (tomada esta palavra no seu sentido lato) de que quer usar o R. pode este ser innocentado pelo Tribunal Superior, como obrigavel a deixar de usar de um direito que lhe faculta a lei, como obrigavel a a um favor da parte adversa, que elle não deseja aceitar, como obrigavel a ficar, a permannecer sob o peso de uma sentença condemnatoria, que, se pode ser confirmada pelo Tribunal Superior, pode tambem, ser por este reformada ou annullada, e livral-o do effecto moral de uma condemnação, embora, em virtude da desistencia ou perdão do A. ou queixoso, não tenha de cumprir a pena a que o sujeitaria a sentença?

Em conclusão; assim como no civil, cuja legislação é subsidiaria nos casos omisso na legislação criminal, não pode a parte, como já foi julgado pela Rel. da Corte, em Acc. do 1.^o de dezembro de 1851, e se pode ver na Gazeta dos Trib. n.^o 199, e em Malra, Jurisp. dos Trib. n.^o 199, e em Malra, Jurisp. dos Trib. n.^o 199, § 85, desistir sem o consentimento da outra parte, estando a lide contestada, e deve a causa seguir seus termos, assim, no crime, não é lícito ao A. ou queixoso desistir da acção que intentou, quando esta desistencia prejudica ao R., quando ella iraz consigo resultado de lhe fazer pairar, para sempre, por sobre a cabeça, uma sentença de condemnação, quando ella o priva do direito a um recurso que lhe concede a lei, recurso que lhe affaga a esperanca de poder ainda livrar-se dos effectos dessa sentença, a qual não deseja ver-se obrigado a sujeitar-se e por isso quer ouvir a esse respeito a última palavra d'este Tribunal.

Destas observações resulta o meu voto.

A gazeta clerical.

Desmoralizados, completamente mortos na opinião publica, por todos apontados como homens desordenados, cujo unico fim é plantar a anarchia no seio da sociedade, que os detesta e repelle, os redactores do pasquim clerical,—essa vergonha da imprensa,—mentem, in-

sultam e caluniam, com o cynismo e o atrevimento proprios do padre romano, á quem quer que seja que por descuido lhes passe por perto.

Isso tudo porque? Pela razão simplissima de não poderem conseguir aquillo que desejavam. Premeditavam na desordem da nossa sociedade, para sobre as ruinas della erguer o estandarte negro do Vaticano. Não esperavam que alguém lhes sahisse em frente e dissesse:—jesuitas, para!—E alguém sahio e disse e os jesuitas pararam.

Poder-se-hia deixar que o jesuita, que é a personificação de toda a perversidade humana, de tudo aquillo que é ruim, invadisse o interior de nossas casas, deixando ali a deshonra,—fanatizando nossas mães, prostituindo nossas irmãs?... Não.

Poder-se-hia, consentir que o jesuita derramasse no espirito da mocidade as idéas reaccionarias e absurdas do ultramontanismo romano?... Não.

Da honra da familia e do progresso da mocidade dependem o futuro do paiz.

E por isso que lutamos e lutaremos contra a invasão dos vandalos da Roma papal. Não temos outro fim.

D'ahi essa raiva insana que sentem os redactores do pasquim catholico contra aquelles que lhes obstruem os passos. D'ahi esse desespero hydrophobico em mear e caluniar.

Arrancal das mãos do jesuita essas armas, poderosas para elle, e tel-o-lheis morto.

Ante a desmoralisação que justamente soffrem, os padres do civil de S. Antonio só procuram fazer uma cousa:—expelli-los sobre a sociedade as podridões de que são involuntarios.

Os ultimos numeros do pasquim clerical são uma prova patente do que fica dito acima. Nunca vimos cousa mais porca, nem tão pouco mais insolente!

O padre romano, na epocha presente, em que se repelle a theologia e só se quer o que for util e positivo, nada mais pode ser senão um mentiroso e um calunniador. Eis porque o órgão catholico recommendou-se sempre pela mentira e pela calumnia.

Principou por atacar a Maçonaria. Não podendo dar expansão ao que lhe fervia no espirito inaudito, deu á luz um monstrosinho que chamaram—GAVTAS AOS MAÇONS.— Isso foi o resultado do consorcio do filho de S. Sulpicio com o órgão dos padres de S. Antonio. Depois as victimas fomos nós. Calibraram-nos com um dilúvio de insultos. Chamaram-nos pasquinheiros. Mas inda não provaram tal coisa. Ao passo que acaba de ser pronunciado um dos redactores da «Civilização» por crime de calumnia. Quem calunhia é pasquinheiro. Chamaram-nos—crianças.— Passou a admiração! Christo tinha doze annes, quando discutia com os doutores. Talvez fizesse parte do rapazão d'aquelle tempo.

Continuaram brillantemente no mesmo caminho. Trez homens distinctos e que occupam posição importante foram victimas da baba jesuitica.—os Drs. Jansen Mattos, Antonio Lapenberg e João Henrique Vieira da Silva. O Sr. Desembargador Lacerda foi alvo de calumnias baixas e grosseiras. Uma torrente de insultos invadiu o Tribunal da Relação. Não respeitaram ao menos a velhice de seus membros. Não recuaram ante aquellas cabeças brancas. A torrente en-

grossos. Tomando novas forças, cresceram para ir despejar-se de encontro a tres diadões respeitáveis, dignos de toda a consideração: o Major Cunha, Dr. Mello Rocha e Exm. Sr. Presidente da Província.

E pasquinheiros somos nós. . . .

Nos, o rapazão da Maçonaria, é que insultamos e caluniamos á todo minuto. Mentis, padres romanos! A batina não nos assenta no corpo.

O illustre Dr. Agasilão Pereira da Silva, que pela inaprousa vos desmentio solememente, quando atacastes vilmente o Superior Tribunal da Redacção, não tem de nós uma só palavra.

Contra o Dr. Ewerton Maia, juiz que condemnou o nosso impressor, não escrevemos uma só palavra offensiva.

No entanto o orgão clerical já não encontra sobre quem vazar os insultos e calumnias, que constituem a organização moral de seus redactores.

São calunniados os nossos talentosos advogados pelo simples facto de terem sido nossos advogados. E calunniado o desembargador Lacerda, digno chefe de policia inferior, por ter apresentado ao presidente da provincia uma parte, na qual ficava provado e bem demonstrado que o autor dos tumultos de S. Antonio era o bispo diocesano. São calunniados os venerandos desembargadores por terem feito justiça á quem a merecia—isto é por terem concedido ao nosso honrado impressor, a quem procuravão humilhar com uma desistência indigna,—o direito sagrado de defeza, negado pelo competente juiz. E calunniado o Sr. major Cunha por haver chamado á responsabilidade do pasquin catholico, que o calunniaria. E calunniado o distincto Dr. Mello Rocha por haver pronunciado, na qualidade de juiz, á esse conego Ozorio que se apresentara por parte da redacção. E calunniado o mais digno presidente da provincia!

Não encontramos mais á quem zurzir com o chicote da calumnia, lança-se furioso o pasquin catholico contra o Exm. Sr. Dr. Cincinato Pinto da Silva.

Em que é culpado o mais digno presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

Provocamos á quem quer que seja, exceptuando á vos, miseráveis jesuitas, e a sim a quem feula honra, dignidade e hrio, a vir a dizer pela imprensa que culpa tem o presidente da provincia no processo desse conego Ozorio? Qual a parte que já tomou, directa ou indirectamente, nessa questão?

religiosa? Para amannhar-lho a reputação? Para desmoralisá-lo? Não. Isso é impossível. O exm. sr. dr. Cincinato não é o sr. d. Antonio, por desgraça nossa bispo desta diocese. Ha entre elles uma distancia enorme. O que ha em abundancia no exm. presidente falta no bispo—intelligencia, conhecimentos, illustração, maneiras agradáveis, delicadeza no modo de tratar. D. Antonio é um homem pobre, moral e intellectualmente fallado. A natureza foi em demasia cruel para com elle.

Porque então a raiva dos padres contra o Exm. Sr. Dr. Cincinato? Qual o motivo que levou-os a verem nelle o «autor do attentado commo contra a liberdade de imprensa?»

Perguntai ao malfecedor a razão porque elle faz mal.

Em tudo o que fica exposto, e principalmente na parte que diz respeito ao digno Presidente da Provincia está patente, e d'um modo incontestavel, a influencia por demais perniciosa, na nossa infeliz diocese, dessa entidade repugnante, asquerosa e detestavel, que durante muito tempo foi a causa da questão religiosa na Provincia do Pará.

Paiz de família, fechai vossas casas! Sentido com o torrado!

Povo acatela-te!

Abaixo o jesuita!

zão, affores Thigo Pereira de Souza e Tito Lívio dos Reis, empregado d'Alfândega, na qualidade de padrinhos, pagaram immediatamente a importância pedida por S. Rvd., julgando assim abraçarem a cohera de que se achava possuido o Rvd. vigário.

Enganar-se poram. S. Rvd., estava rancioso e precisava descarregar sua cohera sobre qualquer pessoa.

Na occasião da celebração do casamento e quando o sacerdote perguntou aos noivos: se casam por sua livre e espontanea vontade, S. Rvd., com aodes bruscos e arrebatados, em altas vozes dirigiu-se aos noivos, deixando o pasquin auditorio, que então se achava reunido, dividido sobre qual o estado em que se achava S. Rvd., nessa occasião.

Essa a exposição scientia e fiet da comedia em que foi theatro a igreja da Conceição na manhã de 13 do corrente, cujo protagonista foi o proprio vigário da freguezia?!

Não pedimos providencias a S. Exc. Rvd. o Sr. bispo diocesano sobre o que acabamos de narrar, visto não esperarmos de S. Exc. medida alguma de utilidade para o interesse geral da seita de que se diz representante.

Não.

S. Exc. Rvd. só sabe reprimir o povo n'uma linguagem baixa e desmedida, ao passo que dispensará elogios e honras ao vigário que transforma o templo do Senhor em feira onde se vende tudo, a quem mais der, desde a simples agua benta até o proprio Deus.

Nosso unico fim é dizer a verdade e aconselharmos ao Rvd. vigário que não continue a praticar actos deste quilate que não só revertem em prejuizo da propria religião como depõem contra aquellos que o praticão.

Estaríamos sempre promptos a denunciar ao publico aquelles que não cumprirem com os seus deveres e a dignar aos que procurarem tornar-se verdadeiros sacerdotes de Christo.

Siga o nosso conselho.

Alguna coisa lhe entrepece a marcha? Dissemos uma verdade. Ha resumo de uma coisa que inibe a circulação do sangue de nossa provincia. Ha uma causa que impede que os globulos corram livremente as arterias. Essa causa é a guerra religiosa. A guerra religiosa que aqui penetrou ha bem pouco tempo. Foi na pessoa do sr. D. Antonio Candido d'Alvarenga que ella teve entrada nesta provincia.

Desde que pela morte de D. Luiz da Conceição Saraciva,—verdadeiro apostolo da paz—, S. Exc. Rvd. tem em conta de seu novo cargo, nunca mais ella goza de um instante de paz. S. Exc. vinha resolvido a convulsivar esta provincia. Parece ate de que foi essa a missão de que o incumbiram.

Provenos.

Nunca, que nos consta, fora prohibida, nesta provincia, a celebração de festividade alguma. Todas as irmandades faziam as respectivas festas, sempre de accordo com a auctoridade civil e religiosa. Nunca, de qualquer dos lados, houve o minimo desgosto. Nunca o povo maranhense foi acrimado de desrespeitador. Nunca se disse que elle ás festas praticar escandalos publicos. Para evitá-los, nunca fora necessario prohibir festas religiosas.

Que espectáculo, porém, se presencia hoje em dia? Quaes os actos, mais importantes, do sr. D. Antonio, desde que o bispo?

A prohibição de quasi todas as festas religiosas, sempre com a insultuosa clausula—para evitar escandalos publicos.

Parece incrível que uma auctoridade, que tem por dever zelar o seu bom nome, descesse tão baixo! Ninguém de sangue frio pode acreditar que um bispo, que se diz representante de Christo, faça garbo de insultar um povo de nobres, que commette o unico crime de tolerar em seu solo.

E entretanto assim é! E entretanto ás offensas, os insultos pungentes, repete-se todos os dias!

Começaram os actos irreflectidos do sr. D. Antonio Candido d'Alvarenga, pela prohibição da festividade de Santo Antonio, no anno proximo findo. Como lhe cumpria, como determinava a lei fundamental da irmandade,—o compromisso—, a respectiva mesa apresentou o programma constante de trezeus, vespera e dia. S. Exc., porém, não concorreu. Queria obrigar a meza a praticar uma illegalidade, a transgriir com os seus deveres. Queria que só se fizesse um trialho. Como mandava a propria dignidade, a mesa não sujeitou-se a semelhante imposição. Repellio-a. E a festa deixou de ser feita.

Seguiu-se a festividade de Santa Filomena. Apresentado a S. Exc. Rvd. o programma da festa d'aquella Santa, foi por S. Exc. approvado. Depois, porém, pelo simples facto de haverem dois negociantes mandado fazer alguns divertimentos no largo, S. Exc. Rvd. cassou immediatamente a licença que havia concedido. A festa foi prohibida, para evitar escandalos publicos! A irmandade sujeitou-se á decisão de S. Exc. Rvd.: mas os negociantes não se sujeitaram. Celebraram, somente no largo, a festividade em honra de Santa Filomena.

O Bispo linhou-se desmoralizado. Veio depois a festividade de S. João Baptista, no corrente anno. A respectiva irmandade organison o programma da festa e apresentou-o a S. Exc. Rvd., para merecer a sua approvação. O Bispo Diocesano, porém, não o tomou em consideração. Pelo simples facto de estar assignado pelo secretario da irmandade—o distincto sr. major João Luiz Tavares—, de quem, gratuitamente, se constituiu inimigo, S. Exc. Rvd. devolveu-o,—sem despacho algum. A irmandade, á vista d'isto, resolveu deixar de fazer, no corrente anno, a respectiva festividade.

Seja-nos licito dizer, de passagem, que não consideramos a melhora deliberada tomada pela meza. Com ella, sujeitou-se a uma imposição capricho-

Maiz um specimen de variedade christã.

No sabbado, 13 do corrente, deuse na igreja da Conceição, um facto altamente ridiculo e que prova o pouco caso que alguns sacerdotes fazem da religião de que se intitulam. FREIS REPRESENTANTES.

A primeira vista parece impossivel que um ministro de Christo, pratique na propria casa do Senhor actos que repugnam a todos e que só servem para enfraquecer cada vez mais essa religião, que lhes compete sustentar embora com o sacrificio de sua propria vida.

Hoje, porém, não é de estranhar semelhante cousa, em vista da quadra que atravessamos, e dos factos ridiculos e baixos que o clero a todos os momentos pratica revestido da mais refinada hyppercrista e descarantamento.

Quando um bispo, revestido de suas insignias, faz do pulpeito pelourinho de onde se insulta a honra e a virtude, não é por certo de estranhar que um simples padre indigno pelas acções de seu superior, represente um papel digno de lastima e de commiserção.

Eis o facto que narramos tal qual deuse, e que nos foi confirmado por pessoas dignas de respeito que apossadas de indignação, presenciaram mais este exemplo de *moder* e de *dogora*, fornecido por um dos fiéis interpretes das doutrinas do Sr. D. Antonio.

O cabo Vicente Ferroira da Silva e soldado Baimundo José d'Oliveira, ambos praças do 5.º Batalhão d'Infantaria, acompanhados de suas competentes noivas e padrinhos, achavam-se na igreja da Conceição á espera do Rvd. vigário Mira-sol, que deveria casá-los.

Chegado que foi S. Rvd., e antes mesmo de revestir-se das vestes proprias de um acto tão solemne, dirigiu-se immediatamente aos noivos dizendo-lhes que não celebraria o acto por menos de 55000.

Em altas vozes repetia isto algumas vezes, fazendo acreditar ás pessoas que achavam-se presentes que S. Rvd. estava acammettido de algum desarranjo no cerebro.

As pobres praças, ouviram com todo respeito as *enobildades* e *conselhos* que S. Rvd. dignou-se dirigir-lhes e a muito custo conseguiram que o preço estipulado, ficasse reduzido a 35000 reis!

Isto causa nojo relatar-se, mas a obrigação impelle-nos a não occultar do publico, acto algum, por menor que seja, desses especuladores da fé e da religião.

Os Srs. tenente Tito de Souza Cami-

sa, que lhe cumpria repellir. Devia ella mandar fazer a festividade, sem importar-se com a prohibição de S. Exc. Rvra. Uma anctividade que não o sabe ser, não merece a minima consideração.

Todos estes actos de S. Exc., disse-mos nós, trazem a insultuosa clausula — para evitar escandalos publicos. — Sempre esta clausula!

Não podemos, porém, crer que haja escandalos publicos nas festas religiosas. S. Exc. mesmo encarregou-se de desmentir-se. Si nega S. Exc. licença para uma festa, concede-a para outras. Ora, a haver escandalos, era em todas, porque o publico que a ellas concorre é o mesmo. Logo, não ha, nunca houve, os tres escandalos. Elles são fillos da imaginação arida de S. Exc. Rvra.

Accresce que as autoridades civis nunca d'elles trataram. A policia, a quem competia zelar na boa ordem, nunca interveio para prevenil-os. Os antecessores, mesmo do sr. D. Antonio, nunca a elles se referiram. Foi S. Exc. o primeiro a descobri-los.

Creemos que o sr. D. Antonio não queirã ser, dos muitos bispos que tem tido esta provincia, o unico que sabe cumprir os seus deveres. Seria altamente caricato. Apesar do juizo que fazemos de S. Exc., não o julgamos tão parvo. Talvez nos enganemos.

O que acima tratamos é o estado actual do Maranhão. Os animos estão exacerbados. Está a provincia prestes a cahir nas garras da guerra religiosa. Neste estado, victima dos ataques de um bispo sem consciencia de si, e de padres intransigentes e teimosos, vê-se obrigada a tomar uma resolução suprema. A ella empree salvar-se. O catalyismo será immenso. Suas consequencias serão incalculaveis.

Tome, pois, a provincia a resolução de castigar os que a ultrajam. Expulso-os de seu solo como animas daimoniacas. Tire do meio de seus habitantes aquellos que querem trucidar-os. Só então o caminho ficará livre.

A civilisação caminha. É mister que o Maranhão a acompanhe.

COLLABORAÇÃO

O concurso da 2ª cadeira de latim do Lyceo.

O pasquim dos jesuitas de Santo Antonio, no seu ultimo numero, noticiando este concurso, disse que os examinadores apenas um artigo do candidato, e os outros nada fizeram.

Esta informação foi annuciada aquelles Rvras, bartulos pelo famigerado Tóto, unico cafeiro jesuita que appareceu na occasião do exame, muito de proposito para espionar e contar mentiras, como é costume d'esse cão.

Ora diz cá Tóto, então não viste os outros examinadores arguirem ao candidato? E como fosse falcitar o illustrado Dr. João Henrique pelo brilhante exame que fizera?!

Tóto já já tens idade sufficiente para teres vergonha; no entanto mentes descaradamente, sem te lembrares de que fallas perante uma sociedade que te conhece, e das um tristissimo exemplo a teus fillos — o de um memoira sem pejo.

Vem cá, Tóto, para teu castigo arrastote pelo capotapão encarnado, até ao largo do Carmo; empurre-te para o BELLOURINHO e ahí anarrote com uma das pernas de Frei Myrcia, que me servira de sipó, e da outra farei chibata — toma... toma... toma...! lambada velha, para deixares a mentira.

Ainda não chega? Pois toma mais, velhaco mentiroso, infornante infel, toma chibata para tomares vergonha. Por esta vez, basta. Se não te emendas, então massote com as queixadas de D. Gerôto.

Frei-Moirão.

D. Gereba dannon.

Que infornio, que desgraça. Ninguém pense que é chialca. Que venho dizer na praça. Para o riso provocar: Elle dannon de repente. E na sua gava ardente Quer moerder a toda gente. Que no templo vê entrar!

É isto verdade pura: Essa pobre creatura Que fez tam boa figura Na sua terra natal. Agora, é forja diz-el-o, Tem erricado o cabello E causa pesar o vel-o. Sofrendo tam fno mal!

Espanando enfurecido. A ninguém já dá ouvido E a todos tem investido No azo de seu furor; Sempre audaz e illuso, Sempre agitado e nervoso. A seu rebano, sanhoso Ataca o infeliz pastor!

Que triste sorte, coitado! E preciso ter cuidado Com o bispo desaturado E tractar-lhe alguma cura. Não é, pois, fora do gosto Entregal-o a algum sagrado Que lhe applique sobre o peio Crede em cruz e benzadura.

Frei Guatêlho.

VARIEDADE.

Fructas do tempo.

A rvd. *Civilisação*, — organ dos padres — abre, no seu ultimo numero, espaço a um artigo, em que os beatificos sacerdotes estranham o movimento que actualmente se nota n'esta provincia. Não podem os virtuosos redactores da gazeta clerical admitir que o Maranhão queira marchar! Não lhes entra na cabeça que esta *Athenas* acompanha, bem que de longe, esse movimento que actualmente se nota entre os paizes civilisados? Não querem elles consentir que o Maranhão occupe um lugar modesto no grande banquete do progresso?

Não podem os rvids. confortar-se com semelhante erise. Gausa realmente admiração e até espanto aos rvids. padres e santos theologos que haja no Maranhão quem se dedique, de coração, sem alhejar pagas materiaes ou a vida eterna, á defesa de uma causa santa — a causa da liberdade!

Não vem elles que nos somos jovens? Não comprehendem que em nossos cerebros galopam ideias sublimes?! Não reconhecem que nós, que nos dedicamos de corpo e alma a essas mesmas ideias, só desanciamos quando ellas triumpharem, o que terá lugar quando houver desapparecido o parasita, aquelle que vive do trabalho alheio?!

Pois o deviam saber: o deviam conhecer. Quem combate pela liberdade é inflexivel. Não teme os obstaculos que lhe oppoem, quer que elles sejam. Foi por ella que Christo se deixou crucificar no alto do Galgolia! Foi por ella que *Tercelmos* subiu ao patibulo, lançando os germens da nossa independencia!

No seu desgosto, no seu desespero, a beatifica *Civilisação* reconhece o movimento jornalístico que se opera actualmente no Maranhão. Vê com pasmo que de todos os lados surge uma nuvem de jornaes, pequenos lampejos de liberdade, que lhe offensa a vista. Reconhece que ao diario de outra ora, que se limitava a dar noticia de uma cabeça quebrada, de um roto etc. substitue o jornal útil, o jornal de polemica, o jornal que pretende desbançar tudo que for antiqualla, tudo que tiver por fim oppor um paradeiro ao desenvolvimento humano! E a mizeranda cho-

ra! E a mizeranda carne! E a mizeranda, qual outro Jeremias sobre as ruinas de Jerusalem, lastima a sua desgraça — a desgraça da Egipta do que é defensor! O mundo quer lhes fugir! Esse mundo que tanto lhes custou a apprehender quer escapar-lhes! Os miseros padres estão mortos! Não mais verão afeiar fogueiras! Nunca mais assistirão ao brilhante espectáculo de assar um João Huss, um Savanrola!

Os virtuosissimos sacerdotes fazem uma revista de todos os jornaes que ultimamente tem apparecido no Maranhão. Fallam do velho *Publicador*, do *VERIDICO PAIZ*, do *Diario*, da *Flecha*, do *Malho* etc. De todos falla ligeiramente. A *Flecha* e o *Malho*, porém, hios ficaram na garganta! As largas goetas dos pios GENOBI-TAS não puderam engolir-os! Podem lá os santos padres admitir que um moço auxiliado unicamente por seu talento erio jornaes?! Podem elles admitir principalmente que esses jornaes tentam por fim destruir as antiquallas que nos querem fazer engolir, e por isso as antiquallas religiosas?! E desaloro! E peitancia!

João Affonso é um patife! um atrevido! um maldonado! Pois não passolle pela moule fazer chegar o sangue ás faces cynicas dos gordos e magnos sacerdotes?! Não quiz elle fazer de parasitas launens uteis?! Não comprehendem elle que o animal que sempre viveu nas trevas não pode encetar a luz?! João Affonso perdeu o seu tempo.

Os santos theologos não se esqueceram do *Pensador*! Fallaram em parte suja e em parte limpa?! Ora, os Rvras. estão em erro. Em nosso fraco calender, o *Pensador* está todo sujo! Pois elle não falla dos padres?! Como pôde estar limpo?! Alguem limpa um canno de esgouja sem ficar, pelo menos, tudo salpicado de lama?! Não acreditamos. É impossivel. O *Pensador*, portanto, está infecto do cheiro nauseabundo que de si lança a gazeta clerical.

Peritancia dicamini non recuso!

Mas a revista dos pios sacerdotes não foi completa! Fallou-lhes o principal! Elles que fallaram de cousas sujas, esqueceram-se do representante genuino da *societade*! Esqueceram-se de fallar da *Civilisação*! A *Civilisação* é coisa indispensavel quando se falla em *societades*.

Mas não, Elles não se esqueceram. É impossivel! Ninguém pode fallar de cousas sujas, sem que immediatamente se lembre da *Civilisação*! Ha entre essas duas cousas uma solução de continuidade e uma homogeneidade tamanha!

Os lexigraphos deviam até... substituir uma palavra pela outra. Ellas são synonimas...

Os santos padres fizeram de proposito. Não lhes couveida fallar da *Civilisação*. Já uma vez elles recuraram deante da mentira!...

Valha-nos isso. Ainda bem que já temos razão para dar os nossos parabens aos bons dos Rvras.!!... Já é alguma coisa...

Os santos padres, porém, não tem razão de affligir-se. Elles devem sujeitarse as evoluções de mundo. Tudo tem seu tempo! O tempo dos rvids. já passou! Já deram leis; já governaram! Já fizeram derramar muito sangue! Já Domingus de Gusmão, Terquimada e Pedro Arbués, esses santos homens a quem os feticistas catholicos adoram, assaram e frigeram muita gente!

Hoje não! Hoje já não se assistirá ao pauliceo espectáculo de um homem metido a uma torva, como um leitão! Hoje ninguém vai atraz desses santos e pios homens — todos os defestim! Sabemos que esses rvids, tem vontade de assar-nos! Ellos bem o querem! Mas, que diabo! não mais o farão! Hoje elles não passam de *anachronismos*! São *animas anti-diluvianas*!

Hoje todos pensam! Hoje todos os homens são livres!

Eis o que mais dá na cabeça dos santos homens! Pois que?! Os homens querem ser livres?! Nada de libertades! E boa! A que ficarão reduzidos os padres?!

E isto afflige os rvids! E isto os mata! Mas os bons padres não tem outro remedio! Chegou-lhes a vez! Morrã, pois, rvids! Deixem o campo limpo. O progresso precisa passar!

Sou a hora! Morrã! Morrã! Que os leve o diabo!...

E nós, bem perto, largaremos uma estrondosa gargalhada...

Cal cal cal cal cal! Cal! Sou FRUCTAS DO TEMPO...

Hugo d'Aguiar.

ECHOS DA RUA.

O muito digno e illustrado Presidente da Provincia, começou ante-hontem a ser abuchado no *pasquim clerical*. Annubã será o proprio bispo!

— A caualha foi e será sempre assim. Nada lhe infunde respeito.

Com o brilhante exame do illustrado Dr. João Henrique, acaben felizmente a escandalosa *saucera* do padre Castro, que, sem ter o curso completo, como pede a lei, exercia intrinsecamente, ha mais de anno, o lugar de lente do Lyceo!

— Se o Dr. *beato* continua mais tempo na instrução, faria das escolas verdadeiros covis de jesuitas.

O *refeitor Tóto* não larga agora os padres de Santo Antonio. Em toda a parte, onde apparecer aquellas *pias creaturas*, lá está o cão.

— No *prigir das oras*, o apoio *deste incomparavel uniao* hade lhes estar mais caro do que todos os botes dos adversarios.

Na processão de Corpus Christi, o Rvd. *Bonafide*, la logo na frente todo pinção e lampieiro.

— E digam lá que o *posto* da Villa de Paço não é bom...

O galão D. *Gereba* ia n'aquelle processão tão serio, que parecia um homem de juizo.

— Não sei porque, mas os proprios *parceiros*, quando se acham em companhia de homens de bom, parece que eriam si...

O *Tenente-Coronel catholico* foi ao Rio de Janeiro, em missão especial de D. *Gerôto*, contar a S. Magestade os motivos de Santo Antonio com todos os ff e rr.

— O alto prestígio, a eloquencia, furtividade e a modesta giga d'este importante cidadão, hão-de sem duvida convencer o actual imperante.

Os anagaitos encarnados, que levava na peivissão o Rvd. *Frei Myrcia*, contrastavam singularmente com a sua cara estropeada e cheia de covas.

— E realmente um especimen de fealdade gresca este Orangotango de latina.

O *Tenente-Coronel catholico* propoz, para Tenente-capellão do 1.º batalhão da Guarda Nacional, o muito conhecido *Vagário de Pernambuco*.

— Nossos parabens ao *Leobis* almeido.

João Manoel-grande, esse refinado patife causador de todos os escandalos religiosos, que aqui se tem dado, não foi á processão de Corpus Christi!

— É natural. Allí tem as principais autoridades e o *paradarsa* sente-se mal entre os homens de bem.

O *capatão Ozorio*, pela sua inexperiencia, está arriscado a dar com o *castido* no *hotel dos Bemeditos*, ao passo que o *perigoso imperado*, o verdadeiro calumniador, paita os dentes em Santo Antonio, mofoando ainda do toleiro.

-E o padre João a gritar que o co- varde vinha... *vinha, mais ninguém via.*

A sobrepellica mais rendada e os manguitos mais cor de rosa, que figuraram na ultima procissão, foram os de Frei Miranda o deagoso.

-Qualquer dia esta *Beirão, desolado* apresente-se de signal preto no resto.

Manifesto do Signo CORAÇÃO consignado do S. Sulpicio ao muito alto e poderoso D. Antonio Candido barão do Maranhão:

1 caixa com educação, 1 dita com civildade, 1 dita com senso commum, 1 dita com juizo, 20 garraões com gozeira, e 6 ditos com rama da Jamaica, ao consignatario; 1 caixa com 1 brida, 1 cabeção, 1 rabicho, 2 pares de ferrolha de patente, 1 cabresto inglez, 4 grossas de coveas e 1000 kilos de feno, para João Moura-grande; 1 caixa com hypocrisia, 1 dita com hillis, 1 dita com cuspo de Santa Helena, 1 vidro com cera d'ouvido de S. Thomé, para Frei Magrão; 1 caixa com dentes posticos, 10 pistolas, 15 bacarmates, 22 pmiñaes, 30 bayonetes e 1 peça de artilheria, para Frei Tabaco; 1 caixa com perfumarios, 1 espartilho, 1 par de aquimadas, 2 seios posticos e 1 espelho grande, pra Frei Miranda; 1 caixa com estupidez, 1 dita com brutalidade, 1 dita com sermões grosseiros e 1 ferrão, para o Basilio; 1 dicionario de flores, 1 guia amorosa, 3 ramos de papel pequeno marca coração e 1 cunido de gesso, para o capatazo Bezio; 1 caixa com vergonha, 1 dita com sermões, 1 dita com lrio, 1 dita com lealdade, para Bristol; 1 caixa com fastio, 1 dita com eslamantes de estomago, 1 dita com solididade, para o Pracinha; 1 caixa com honradez, 1 dita com sinceridade, 1 dita com listra, e 1 dita com diptiche, para o Tabé; 5 garraões com agua benta, 400 grossas de missas, 10 kilos de santidade, para o beato Esculapio; 1 caixa com pãdas suspeltas para o padre João; 100 macaras de papellão, 10 ditos d'aramé, 1 facto de homem serio e 1 tratado de capineira, para seu Paveza.

Movimento dos templos, Santo Antonio na ultima sexta-feira:

Table with 2 columns: Item and Quantity. Includes: Beatas da geod., 13; Ditas da superior., 18; Theosoureira catanosa, 1; Zeladora sarapim, 1; Grande chela das ptop., 1; Sen pauinho baptizado, 1; Sua bilhinha de barro, 1; Seu patossinho azeviche, 1; O Dr. da pagubiza, 1; Curiosos diverso, 11; NB.—Sen Paveza foi e seu Tobi tambem.

Sora Pompador.

CHRONICA

Acabamos de ler a *Civilização* de hon-tem e, tão carregada vem a nosso respeito, que por um vez fallavamos com a promessa de responder ao que no numero passado disse ella a respeito de nós.

Desempe-nos o leitor abandonarmos outros assumptos para tratar do chronista do *Pensador*, mas assim o quiz a rafladeira da *Civilização* no seu lamentavel hysterismo. Sabemos perfeitamente que aquillo nella são nervos, mas ha no publico gente de tão boa fé, que chega a tomar a serio o que a linguaruda leu-lra-se de dizer.

Ultimamente deu ella para emberrar commosco e, a falta de uma ponta por onde nos possa puxar e fazer cabir, trata de convencer ao bello sexo maranhense que nós o queremos injuriar.

O meio parece-nos futil de mais, para merecer uma resposta, contudo, como para nós, é sempre grande prazer tratar com senhoras, não desdenhamos explicar o que pensamos a respeito de nossas comprovincianas.

E' verdade que isso é um trabalho inutilmente ocioso, porque em nossa sociedade cremos não haverá meia duzia de senhoras que não conheçam o chronista d'*O Pensador* e que, permi-ta-nos a modestia, não forme delle um juizo favoravel.

Em todo caso apressamo-nos a calgar uma banda de inva, lancamos fora o cigarro e passamos a dirigir nossas palavras a parte mimosa de nossa população, Exm.ª senhoras.

O chronista d'*O Pensador* pede a v. ex.ª licença para abandonar o tratamento de nós, passar a uzar da primeira pessoa, e para declarar que a *Civilização* escreveu o seguinte:

«Ha escriptores, que tem carta branca para tudo dizer e praticar. Deve o publico recordar-se que certo chronista, amio conhecido da «Parochia», a um dia de muito humor, arrestando a familia maranhense pelo rua da amargura. Pois ninguém se agastou com isto, e o chronista veio depois gabar-se que todos os se- nhões o recebiam, todas as portas se lhe abriam, que era feliz, nada lhe fal- tava, nem mesmo o dinheiro... Veremos se Alcantara julgasse tambem sa- tisfeita com o chronista, aprez dos en- gios funebres, com que immoscora.»

Esse chronista de que se trata é este criado de v. ex.ª. O que ali fica dito nenhum valor tem certamente para quem conhecer o que é a *Civilização*, qual o modo porque esse jornal faz guerra a qualquer pessoa e qntes os armaz de que lança mão, quando se quer deslezar de um inimigo que a incomoda, po- rem para v. ex.ª, que passa a vida na tranquillidade do lar, ao abrigo da familia, e quasi sempre alheia ás intri- gas jornalisticas, podem essas palavras fazer crer que o chronista algum dia pro- curou de qualquer forma injuriar suas patriotas; quando, exm.ª senhoras, o chronista preferia tudo a ver leve- mente contrariado o delicado coração de v. ex.ª; accitaria tudo para evitar que a soberançalia gentio de v. ex.ª se en- crepasse em um movimentisido do raiva passageira. O chronista não troca- ria as mimas da California por um sorriso agragado dos labios de v. ex.ª e preferia que lhe calhasse o cabelo, que lhe crescesse o nariz, que lhe saltassem os dentes, que lhe nascesse uma giga, que digu eu?! — o chronista preferia luer um pé e ficar coxo, ter um susto e ficar completamente gago, preferia tudo, as privações mais terribes—dar um beijo no senhor conego Mourão, dansar uma polca com o sr. padre Fonseca, tomar uma pãda do rape do senhor co- nego Lusitano, ouvir tres sermões se- gundos do senhor bispo, preferia tudo á merecer o desagrado de v. ex.ª!

E como não ser assim si v. ex.ª, constitum tudo o que ha de mais dedicado, de mais termo e de mais completo na natureza?!

Como não ser assim si em lancimo depor nas mãos de uma de v. ex.ª todo o meu futuro, toda a minha felicidade?!

Para poder desdondar da estima de vs. ex.ªs, era preciso que em fusse padre e não aspirasse formar um dia uma familia, consistir um lar, do qual uma de v. ex.ª será a alegria, o encanto e a verdadeira segurança.

A mulher, minha scuhora, tanto no encantador estado de filla, como no respeitado estado de mã, merece-o maior respeito e a mais sincera dedica- ção que o possivel imaginar.

Foi justamente por isso, foi porque eu sempre pretendi resignar minha vida na liberdade de dizer no ouvido de v. ex.ª o que me parecia justo e utilitario.

Não as queria redicularisar queria a- conselhar—aponte certas defeitosinhos, com a intenção com que um bom amigo os aponta.

Quando disse que v. ex.ª são palidas e magrinhas, não foi com a intenção de fazer rir ao publico, só riu-se o senhor padre Fonseca porque soffre do mesmo mal, mas sim foi com a intenção de pro-

vocar em v. ex.ª o gesto pelos exerci- cios gymnasticos, pelos passeios a pé e a um grande ar livre.

Si disse que v. ex.ª soffrem de tou- turas foi para fazer com que v. ex.ª des- confiassem dos halles prolongados, dos vestulos apertados, dos sapatinhos inq- uisidores e das tranças posturas.

Si fallou do trabalho de v. ex.ª, não foi com a intenção de vender alguma opi- nia de minha invenção, mas simplesmente para que v. ex.ª desconfiassem do doce e processassem se alimente bem e a ho- ras certas.

Si fallou nos medos, nos adaqueos, nos tedios de v. ex.ª foi para que v. ex.ª fugissem das seductivas, aborrecem a confissão como uma coisa inutil e per- niciosa.

E de passagem disse que a confissão é futil, porque o padre só pode arrepiar o peccado quando o peccador se arrepende, e logo que o peccador se arrepende Deus perdna sem precisar do padre.

Michelet, o melhor advogado dos direitos da mulher disse tanto mais de suas pa- triotas, quando entendeu que isso era ne- cessario.

Nada disto diria entretanto a v. ex.ª, si não scubesse o grande perigo que ha sempre nas palavras do padre, quando o padre alluda interessa-se pela familia. Já está quem não se incomodaria si a *Civilização* annu- lla apparecesse vocife- rando contra v. ex.ª, como o bispo vo- ciferou uma vez, contra as senhoras que assistiam a missa em Vimbros, quando aquelle prelado foi benzer a ermita dessa villa. Mas, desde que o padre quer man- samente se aproximar de v. ex.ª, des- de que elles a pretexto de defende-las vae mansamente se aproximando da fa- milia, já está quem salta logo a gualar- le—Para trazi! volta à solidão de sua cella, que aqui anda tens que chieirar!

O padre é inimigo natural da mulher honesta, porque a mulher honesta é o grande bem que ha e valido—ninguém detesta tanto a belleza como o senhor padre Mira Sol; ninguém detesta tanto a fortaleza como o senhor padre Fonseca; ninguém a illustração como o senhor bispo, ninguém a bondade como o se- nhor conego Mourão.

A mulher honesta deve desconfiar do padre, porque o padre não pode esperar da mulher honesta senão o desprezo.

A mulher honesta deve pertencer do corpo e alma a seu marido, e quando o padre se aproxima della é para collocar se como um especto scindrio entre os deus.

A mulher que tem mais confiança no seu confessor do que em seu marido, commette um adultério moral—e é sem- pre para esse adultério moral que o pa- dre arrasta a mulher quando a aconse- lha.

Sem casa, sem familia, sem patria e sem coração, o padre é um pobre vagabundo, que anda a parasitar pelas casas conhecidas o amor das mulheres e o di- zibeiro dos homens.

Possuindo de cada um o necessario, para agradar a ambos, elle tem a subil sensibilidade da mulher e a varonil ener- gia do homem.

Pela irrevogavel lei do contraste, o homem gosta do padre, porque o acha tirado, consivelmente feminino, pelo preoccupado com as cousas intimas e delicadas, cordia na sua tenura e apraz- lhe ver o signar finalmente a hucia com a ponta de seus dedos brancos e tratdos a pedra-pome; o homem gosta do pa- dre como se gostasse de uma mulher, trata-o com distincção e acatamento, ar- reda-se para deixal-o passar, pensa com- metter uma grosseria quando o desmen- te, mesmo de um absurdo.

So em estivesse um lugar em que não tivesse absolutamente mulheres, preferia, a outro qualquer homem, en- cargar um padre dos arranjos de mi- nha casa e do concerto de minha roupa, porque os padres são para isso quasi tão prestaveis como as mulheres.

Não é só na vestimenta e na ausencia da barba que existe o contacto entre el- las e o padre.

Por outro lado a mulher gosta do pa- dre, porque vê nelle um espirito e uma constituição superiores—os segredos do inferno, o cofre das absolvições, o mys- terio da sens latras dão-lhe uma po- tencia superioridade sobre a mulher—e nelle como uma boa pessoa, que come toda a tenura e toda a confiança da sanga a certa superioridade viril do ma- rido ou do pai.

Quando a mulher encontra o que vul- garmente se chama «um padre leso, en- tão pode se dar por estaca. A familia, o marido e até os fillios já não exercem sobre ella senão um poder secundario.

Para desmanchar uma cadeia do ma- rido é bastante um desejo do confessor—o corpo da desgraçada pertencerá ao marido, mas a alma, essa pertence aquil- la figura sinistra—de cara raspada, de olhos vivos e bulgucos, que todas as- antes apparece para o cavaco.

E, ella a primeira abega da casa, dá-lhe a mulher cheia de chá e a ma- lhar cadeira na sala. Como já disse, e plenamente estimado pelo marido, como mulher; e pela mulher, como homem.

Entretanto o padre não v haurem nem mulher, e todas as qualidades que ap- parente dos deus sox e são angulas e fal- sas.

O padre não tem sexo—para homem falta-lhe o trabalho, falta-lhe a responsa- bilidade da familia, que e o que consti- tui a nossa individualidade civil e ga- rante-nos um lugar seguro na cadeia so- rial—e para mulher falta-lhe a faculda- de de ser mãe, falta-lhe a grande tarefa de alimentar, de educar e de formar muitos cidadãos.

Gra nestas condições—faltando-lhe de um lado a responsabilidade do homem e do outro a responsabilidade da mulher—o padre é uma especie perigosa, que toda a senhora honesta deve olhar, não com desprezo, mas com cuidado.

O padre, quando injuria como nos inju- riou o padre mais magro da *Civiliza- ção*, não é pernicioso e até é utilissimo, porque nos afasta de si; mas quando o padre, em vez de injuriar, que é o seu officio apresenta-se taumando as dores por alguém, como fez o mesmo padre magro a respeito da familia maranhense, então o caso é serio e requer serias me- didas.

Acatelem-se por conseguinte as mi- nhas bellas comprovincianas, que as man- has com que os padres seguram suas victimas são brandas e macias como as teias de uma aranha.

Que abelha teme uma quasi invisivel teia de aranha?! Contudo depois da primeira teia vem a segunda, depois ou- tra e quando a pobre abelha der por si, está completamente enleada, e a terrivel aranha sugando-lhe pachoerrentamente as vicerias.

Depois da que ficou dito, espero que v. ex.ªs, preferirão minhas palavras amargas como cabeças de maçella, ás palavrinhas da *Civilização*—dices como o licor de rosa.

Nesta conformidade—queiram dispor v. ex.ªs, de um criado prestave e amigo sincero.

EXPEDIENTE.

Recibemos o «Espirito Santense», do Espirito Santo; e o «Liberar», de Guaratinguá, (S. Paulo).

O *Edmo*, novo campo de propaga- da progressista.

Traz artigos bem elaborados e é um adversario desolado das ideas retrogra- das.

Agradecemos a cortezia e retribuim- mos.

Recibemos tambem a bilhunia positi- vista do illustrado Dr. Francisco Antonio Brandão trabalho de verdadeiro mere- cimento, que deixa patente os conheci- mentos historicos de seu author.

Agradecemos a delicadeza.

Maranhão.—Typ. do Frías & Filho Imp. por Antonio J. de Barros Lima